

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FACED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E
EDUCAÇÃO

MARIA PAULA MARTINS

PARALELOS:
VIDAS ERGUIDAS PELO ESPORTE ADAPTADO

UBERLÂNDIA
2020

MARIA PAULA MARTINS

PARALELOS:

VIDAS ERGUIDAS PELO ESPORTE ADAPTADO

Relatório técnico-científico de produto apresentado na Defesa junto ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Áreas de Concentração: Tecnologias e Interfaces da Comunicação

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Cristina Omena dos Santos

UBERLÂNDIA

2020

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M386
2020 Martins, Maria Paula, 1995-
PARALELOS [recurso eletrônico] : vidas erguidas pelo esporte adaptado / Maria Paula Martins. - 2020.

Orientadora: Adriana Cristina Omena Santos.

Coorientador: Rafael Duarte Oliveira Venancio.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.512>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Santos, Adriana Cristina Omena, 1970-, (Orient.).
II. Venancio, Rafael Duarte Oliveira, 1987-, (Coorient.). III.
Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em
Tecnologias, Comunicação e Educação. IV. Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: +55 (34)3291-6395 / (34)3291-6396 - ppgce@faced.ufu.br - www.ppgce.faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional, 12/2020/114, PPGCE				
Data:	Quatorze de agosto de dois mil e vinte	Hora de início:	[14h58]	Hora de encerramento:	[16h30]
Matrícula do Discente:	11812TCE016				
Nome do Discente:	Maria Paula Martins				
Título do Trabalho:	Paralelos: Vidas Erguidas pelo Esporte Adaptado				
Área de concentração:	Tecnologias, Comunicação e Educação				
Linha de pesquisa:	Tecnologias e Interfaces da Comunicação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Políticas públicas de educação, ciência e tecnologias: da precarização do trabalho ao ensino integral e à divulgação da ciência				

Reuniu-se em web conferência pela plataforma Mconf-RNP, link: <https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/adriana-cristina-omena-dos-santos>, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação, assim composta: Professores Doutores: Mirna Tonus - UFU; Angela Maria Grossi - UNESP e Adriana Cristina Omena dos Santos - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Adriana Cristina Omena dos Santos, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público (online), e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Cristina Omena dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 14/08/2020, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mirna Tonus, Professor(a) do Magistério Superior**, em 14/08/2020, às 16:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Angela Maria Grossi, Usuário Externo**, em 24/08/2020, às 14:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2183663** e o código CRC **A81540AF**.

AGRADECIMENTOS

A Lara, Gilvan, Amanda e Mateus, por me confiarem suas histórias.

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio em tempo integral.

A Adriana Omena, pela segunda oportunidade de orientação. Sou grata pelo cuidado, constância e confiança. Você é minha inspiração no meio acadêmico.

Ao Rafael Venancio, por ter sido o primeiro incentivador desse projeto.

As queridas Mirna Tonus e Angela Grossi, por terem aceitado o convite para a banca de defesa desse trabalho.

A Juliana Diniz, pela generosidade da revisão minuciosa e da escuta atenta.

A Marina Pagliari, pelo empenho no projeto gráfico e diagramação.

Aos amigos da vida e de profissão, pelas trocas de saberes e vivências.

É preciso cegarem-se todos, para que enxerguemos a essência de cada um?

José Saramago

MARTINS, Maria Paula. **PARALELOS**: vidas erguidas pelo esporte adaptado. 2020, 47f. Relatório técnico-científico de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.512>.

RESUMO

Este trabalho relata o processo de produção do livro-reportagem *PARALELOS: vidas erguidas pelo esporte adaptado*. Partimos da seguinte questão: como se dá a construção da imagem da pessoa com deficiência na mídia e na sociedade brasileira? Com base na questão norteadora, o objetivo geral deste trabalho foi produzir um livro-reportagem com perfis, textos biográficos e descritivos de quatro paratletas halterofilistas de Uberlândia (MG) – e que possuem relevância no cenário esportivo nacional. Em um momento em que a notícia galga degraus cada vez mais dinâmicos, expressos e de rápido consumo, investimos no jornalismo literário como caminho para aprofundamento e humanização. A intenção aqui é, portanto, dar mais visibilidade à essa temática, tendo Lara Lima, Gilvan Santos, Amanda Sousa e Mateus Assis como protagonistas de suas próprias histórias.

Palavras-chave: Livro-reportagem. Perfis. Deficiência. Paratleta.

MARTINS, Maria Paula. **PARALLELS: lives raised by the adapted sport.** 2020, 47p. Technical-scientific master's report. (Postgraduate Program in Technologies, Communication e Education) – Federal University of Uberlandia, Uberlandia, 2020.

ABSTRACT

This paper reports the process of producing the non-fiction book *PARALLELS: lives raised by the adapted sport*. We started from the following question: how do the media and Brazilian society build the image of people with disabilities? Based on the guiding question, the general objective of this work was to produce a book-report with profiles, biographical and descriptive texts of four parathletes weightlifters from Uberlandia (MG) – and which have relevance in the national sports scene. At a time when the news climbs increasingly dynamic, express and fast-consuming steps, we invest in literary journalism as a way to deepen and humanize. Therefore, the intention here is to give more visibility to this theme, by having Lara Lima, Gilvan Santos, Amanda Sousa and Mateus Assis as protagonists of their own stories.

Keywords: Book-report. Profiles. Disability. Parathlet.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	9
1.1 Memorial acadêmico	9
1.2 Apresentando o produto	10
2 CONCEITOS TEÓRICOS FUNDAMENTAIS	14
2.1 Deficiência e sociedade	14
2.1.1 <i>Paradesporto: de reabilitação à atividade esportiva</i>	16
2.1.2 <i>Terminologia</i>	20
2.2 Estigma e violência simbólica	20
3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO	25
3.1 Jornalismo Especializado: do esportivo ao literário	25
3.2 Livro-reportagem e perfil	27
3.3 Entrevista e história oral	30
4 PARALELOS: VIDAS ERGUIDAS PELO ESPORTE ADAPTADO	32
4.1 Exequibilidade, recursos e aplicabilidade	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
ANEXO A – Pauta Perfilados	42
ANEXO B – TERMO USO DE IMAGEM LARA LIMA	44
ANEXO C – TERMO USO DE IMAGEM GILVAN SANTOS	445
ANEXO D – TERMO USO DE IMAGEM AMANDA SOUSA	46
ANEXO E – TERMO USO DE IMAGEM MATEUS ASSIS	46

1 APRESENTAÇÃO

1.1 *Memorial acadêmico*

Desde muito nova meus pais sempre me estimularam a praticar esportes. Além das aulas de educação física obrigatórias, fazia questão de participar de todas as atividades extracurriculares da escola e pulava de modalidade em modalidade no clube em que éramos sócios. O esporte já estava incorporado na minha rotina.

Ingressei no curso de jornalismo com sede de desbravar o ambiente esportivo. Minha maior motivação era pensar que eu sairia do universo acadêmico direto para as redações esportivas – o que ainda não se concretizou. Ao longo dos quatro anos de formação, me dediquei à pesquisa e produção no jornalismo esportivo e me empenhei continuamente em romper com os tradicionais textos do “país do futebol”.

Escrevi sobre a estigmatização dos esportes tidos como violentos, sobre a invisibilidade da mulher no esporte, sobre a ausência da voz feminina nas bancadas esportivas, sobre a supervalorização do futebol e a conseqüente negligência diante de tantas outras modalidades, sobre o rugby e suas nuances. Enfim, foram inúmeros assuntos, temas e pesquisas para sair desse lugar comum do jornalismo esportivo.

Paralelo a isso, desenvolvi, em conjunto com outras quatro companheiras de curso, o *Sob Estrelas*, livro-reportagem que apresentou histórias da vida de cinco pessoas em situação de rua. Foi um projeto engrandecedor, que me mostrou o potencial do jornalismo literário e me abriu os olhos para temáticas pouco abordadas no jornalismo tradicional. Desde então, tenho me interessado por esses assuntos esquecidos pela grande mídia, em especial os que valorizam vozes de pessoas ou grupos socialmente excluídos.

Em janeiro de 2017, comecei a trabalhar na assessoria de imprensa da Fundação Uberlandense de Turismo, Esporte e Lazer (Futel) – entidade vinculada à Prefeitura de Uberlândia – e o meu contato com o esporte se intensificou. Conheci, então, o grupo de paratletas halterofilistas de Uberlândia, que recebem apoio e treinam em um espaço cedido pela fundação. Em pouco tempo me vi magnetizada pela força do esporte paralímpico, do qual eu pouco tinha ouvido falar até então.

Tive a oportunidade de acompanhar o grupo em eventos importantes, como Campeonatos Regionais e Brasileiros. Junto dessa aproximação e amizade, surgiu também uma inquietação ao ver que os atletas têm tão pouco prestígio, seja pela imprensa ou pela própria sociedade. A cada encontro, uma nova descoberta. A cada conversa, um novo sentido para vida. Percebi que ali eu tinha uma infinidade de possibilidades e que essas pessoas precisavam ser enxergadas.

Assim, ao ingressar no mestrado profissional, tinha convicção de que eu queria desenvolver um projeto sobre o halterofilismo uberlandense, na tentativa de ir na contramão dessa invisibilidade cotidiana que os cercam. Seguindo a linha de Tecnologias e Interfaces da Comunicação emergiu a proposta de um livro-reportagem que contasse as histórias de vida de quatro paratletas halterofilistas de Uberlândia. Lara de Lima, Amanda Sousa, Mateus Assis e Gilvan Santos.

Durante a trajetória do mestrado, todas as experiências serviram como base para o desenrolar da presente proposta. Passar pelas disciplinas obrigatórias, tais quais Fundamentos Epistemológicos e Procedimentos Metodológicos, como também as disciplinas optativas e o exame de qualificação da pesquisa, foram o alicerce para uma produção original e sólida, como veremos a diante.

1.2 Apresentando o produto

Desde os primórdios, a sociedade tende a marginalizar e inabilitar indivíduos ou grupos que fogem dos padrões de normalidade. Mesmo na atualidade, apesar de vivermos numa sociedade dita inclusiva, a estigmatização dessas minorias é axiomática. Acontece, portanto, um processo de rotulação, no qual o indivíduo estigmatizado incorpora determinadas representações sociais e passa a identificar-se com uma tipificação.

Os indivíduos estigmatizados acabam sendo identificados e percebidos meramente através dessa diferença considerada negativa. Nesse sentido entra o discurso universal de padronização dos corpos, no qual as pessoas com deficiência fogem completamente da norma estabelecida. O preconceito com relação a essas pessoas vem muitas vezes imbuído de um sentimento de negação, ou seja, a deficiência é vista como um fator limitante e que esbarra na incapacidade do ser.

A presente pesquisa nasceu, portanto, dessa inquietação diante do tratamento da pessoa com deficiência na sociedade. De acordo com a Lei 13.146/2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), artigo 2º:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Para o pesquisador Marques (2010), a deficiência está muito presente em nossa sociedade, visto que um décimo de todas as crianças nasce ou adquire impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais. O último Censo Demográfico, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do ano 2010, aponta que 23,9% da população brasileira (45.606.048 milhões de pessoas) possuem algum tipo de deficiência, seja ela visual, auditiva, motora ou intelectual. A presente pesquisa possibilitou uma reflexão sobre essa desarmonia entre o número de pessoas com deficiência e o espaço ocupado por elas em nosso corpo social.

Nesse cenário, temos o esporte adaptado, que é voltado exclusivamente para as pessoas com algum grau de deficiência. Sua ascensão aconteceu a partir da Segunda Guerra Mundial, época da qual muitos soldados retornavam dos combates com graves lesões e precisavam ser reabilitados. O trabalho de reabilitação médica e social foi sustentado pela prática de atividades esportivas.

Diante destes breves dados, esta pesquisa de mestrado se propôs a produzir livro-reportagem *PARALELOS*, que aborda a vida de quatro parahalterofilistas de alto rendimento de Uberlândia. Para tanto, a escolha dos entrevistados foi feita a partir de dois critérios: afinidade entre pesquisadora e entrevistados; e o desempenho dos atletas em competições entre os anos de 2017 e 2019.

A realização desta pesquisa justificou-se por ser uma temática pouco abordada na academia, em especial, na área de comunicação. Mesmo tratando-se de um assunto tão relevante, a escassez de pesquisas é confirmada ao efetuar buscas em sites de anais, periódicos científicos e teses. A maioria esmagadora de trabalhos encontrados abordava o esporte adaptado partindo do viés das ciências da saúde, com enfoque nos benefícios da prática esportiva, avaliações fisiológicas ou resultados do treinamento dos atletas.

Percebendo essa lacuna acadêmica, o trabalho teve o desafio de apresentar um outro olhar sobre a pessoa com deficiência, apresentando as histórias de vida de cada um dos perfilados – não somente nos benefícios da prática esportiva à saúde. Utilizar-se do livro-reportagem perfil como tecnologia da comunicação também fundamentou cientificamente essa produção e permitiu o mergulho profundo nos relatos de vida de cada um dos personagens.

A pesquisa também entregou contribuições sociais, visto que lançou luz a vozes de pessoas que são recorrentemente ignoradas na sociedade. *PARALELOS* empenhou-se em dar visibilidade a pessoas com deficiência, historicamente excluídas do protagonismo social e da narrativa histórica como um todo.

Outra motivação para a realização da pesquisa foi a falta de visibilidade do paradesporto em comparação ao desporto. O esporte adaptado recebe atenção da grande mídia somente durante as grandes competições, como os Jogos Paralímpicos ou Parapan-Americanos. Mesmo nestes períodos, a cobertura dedicada aos eventos é claramente inferior às olímpicas.

Além disso, observando as coberturas do paradesporto feitas pelos veículos tradicionais, identificou-se um apelo sensacionalista à deficiência. Mesmo que os feitos pessoais e profissionais sejam importantes, em grande parte do espaço dedicado à essa população, as características que “fogem ao padrão” são exibidas em posição de destaque. Assim, em muitos casos, a representação dessas pessoas é feita de maneira demasiada emotiva e sensacionalista, na tentativa de ampliar e comover a audiência.

Esta pesquisa justificou-se ainda, por contribuir para o debate entre a realidade e a representação feita nos meios de comunicação. Tratou-se de um espaço para avaliar o papel dos meios como difusores de informação e de discursos de verdade. Com histórias de quatro pessoas com deficiência que têm o esporte como instrumento de socialização, inclusão, manutenção da saúde e carreira, esta pesquisa confrontou o “modo de fazer” jornalístico atual, revelando narrativas humanizadas e aprofundadas.

A partir dessas observações sobre a mídia e o paradesporto, a delimitação temática ancorou-se no seguinte questionamento: Como se dá a construção da

imagem da pessoa com deficiência na mídia e na sociedade brasileira? ou ainda, qual a visibilidade e o espaço dedicado ao atleta com deficiência?

Como base na questão norteadora, o objetivo geral deste trabalho foi produzir um livro-reportagem com perfis, textos biográficos e descritivos, sobre a vida de quatro parahalterofilistas de Uberlândia. Para alcançarmos esse objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: contar histórias da vida esportiva e pessoal dos paratletas; destacar a relevância do movimento paralímpico em Uberlândia; apurar a visibilidade da pessoa com deficiência na sociedade e no próprio meio esportivo; e levar o leitor a uma reflexão acerca da temática.

A pesquisa construiu, portanto, um espaço para a divulgação do trabalho e das histórias de vida dos paratletas uberlandenses Amanda Sousa, Lara de Lima, Rodrigo Marques e Mateus Assis, ampliando nosso ponto de vista com relação ao paradesporto e às pessoas com deficiência.

A primeira etapa do trabalho consistiu em uma revisão bibliográfica e teórica acerca dos conceitos de deficiência e paradesporto, além da contextualização sobre o esporte adaptado. Os procedimentos metodológicos para a construção do livro-reportagem constituem de técnicas da história oral para a coleta de dados, do jornalismo literário como técnica para a escrita dos perfis e estruturação das narrativas em um livro-reportagem. Todos esses procedimentos foram explicados nos capítulos a seguir.

Após esse primeiro capítulo de apresentação e introdução ao tema, a segunda parte se dedicou ao referencial teórico do trabalho. Na terceira sessão foram discutidos os conceitos metodológicos e na quarta abordamos os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento do produto, bem como o relato sobre o desenvolvimento da obra *PARALELOS*. Para encerrar, a última parte contou com as considerações, referências bibliográficas, anexos e apêndices.

Apurar histórias de pessoas com deficiência é ir ao encontro de silêncios. Contar essas histórias é reconhecer protagonistas onde comumente se aprendeu a ver coadjuvantes. Vamos, então, aos eixos desse projeto de mestrado.

2 CONCEITOS TEÓRICOS FUNDAMENTAIS

Este capítulo dedica-se aos conceitos fundamentais utilizados para a realização do livro-reportagem *PARALELOS – Vidas erguidas pelo esporte adaptado*. Para a melhor compreensão do conteúdo, ele foi segmentado em duas partes principais e seus desdobramentos.

A primeira sessão é dedicada aos conceitos teóricos importantes acerca da temática, como a definição de deficiência, de paradesporto e uma breve contextualização sobre o esporte adaptado. A segunda parte apresenta a corrente teórico-metodológica norteadora dessa pesquisa, sustentada pelos conceitos de estigmatização e violência simbólica.

2.1 Deficiência e sociedade

Seja por meio da imagem de superação, assistencialismo, incapacidade, normalização, cidadania ou heroísmo, a representação da pessoa com deficiência é um fértil campo de estudo. Neste item quero mostrar como se dá a representação dessas pessoas ao longo da história e como (e se) elas são enxergadas hoje.

Assim, ao percorrer a representação da deficiência pelos séculos, foi possível evidenciar que ela sempre foi analisada a partir da comparação com as pessoas sem deficiência, ou seja, que existe um padrão de normalidade e caso as pessoas não enquadrem nos critérios pré-estabelecidos elas são representadas de maneira diferente. Em suma, busca-se evidenciar que a deficiência não foi e não é abordada a partir dela própria, mas sim a partir de elementos exteriores a ela.

(...) nas primeiras tribos formadas pelos homens era praticamente impossível que uma pessoa com deficiência sobrevivesse às vicissitudes daquele período, sendo prática comum de certas tribos se desfazerem dos “deficientes” uma vez que eles representavam um fardo e um perigo para todo o grupo (DICHER; TREVISAM, 2014, p.3).

Na Idade Média, com o advento do cristianismo, surgiu uma nova visão acerca das pessoas com deficiência. Pregando a prioridade do assistencialismo à pobres e enfermos, a igreja cristã influenciou diretamente no que diz respeito ao

direito à vida. No entanto, a exclusão persistiu, já que "os indivíduos com deficiência passam a ser 'guardados' em casas, vales, porões e, principalmente, sobre a proteção dos mosteiros, ou seja, dos padres" (CIDADE; FREITAS, 2002, p.14).

A sociedade medieval, de maneira geral, supunha ser um "castigo de Deus" o nascimento de uma criança com deficiência, acreditando ainda que um corpo malformado carregava uma mente igualmente malformada. Eram colocados à margem do convívio social e supersticiosamente vistos como feiticeiros ou bruxos.

O Renascimento e a Idade Moderna trazem consigo as ideias iluministas, que pregavam a substituição das crenças religiosas e do misticismo pelo pensamento racional. A sociedade passou a ter outro olhar ao indivíduo com deficiência. "Surge a representação da normalização, do modelo médico em que a deficiência é representada como uma doença, assim a medicina procura a cura, eliminando-a" (MAVIGNIER; TARAPANOFF, 2013, p.03).

Neste período, a deficiência passou a ser vista como uma doença, para a qual era preciso descobrir a cura. Entretanto, a internação dessas pessoas e a busca por tratamento, também podiam ser encarados como meios de marginalização e de exclusão. Essa concepção médica de que a deficiência é uma variação do chamado "corpo padrão", ainda é tida por muitos como oficial, especialmente por ser fruto do pensamento científico.

Passada a intolerância da Segunda Guerra Mundial e dos regimes totalitários, foi assinada, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que em seu artigo 25 fez menção à pessoa com deficiência, denominada "inválida".

Artigo XXV. 1. Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, o direito à segurança, em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência em circunstâncias fora do seu controle (ASSEMBLEIA GERAL DA ONU, 1948).

Nos dias atuais, segundo Diniz (2007), a deficiência ainda é considerada uma questão de tragédia pessoal, ou seja, é vista como uma patologia. Ao percorrermos essa linha do tempo de representação da deficiência pelos séculos, constata-se que ela sempre foi analisada a partir desse método comparativo com as pessoas sem

deficiência. Cria-se, portanto, um padrão de normalidade com critérios e concepções, dos quais as pessoas que não se encaixam são excluídas.

Em suma, percebe-se que a deficiência nunca foi abordada a partir dela própria, mas sim a partir de elementos exteriores a ela. Ao analisar a representação da pessoa com deficiência nota-se também que esses indivíduos são comumente retratados de maneira estereotipada. São, portanto, uma parcela da população marginalizada pela própria sociedade.

Assim, a representação da pessoa com deficiência é influenciada pela sociedade e sistemas culturais instaurados. Pode-se dizer que é com base em como a sociedade encara a pessoa com deficiência que sua representação toma forma. Isso posto, a presente pesquisa empenhou-se em seguir o caminho inverso: trabalhar a deficiência partindo dela mesma, sem o olhar estigmatizado.

2.1.1 Paradesporto: de reabilitação à atividade esportiva

O esporte adaptado emerge em nossa sociedade em meados do século XX. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, muitos soldados voltaram aos seus países com mutilações ou deficiências físicas. Na Inglaterra, o neurocirurgião Ludwig Guttmann introduziu algumas modalidades esportivas durante o processo de reabilitação, com a intenção de melhorar as condições psicossociais desses indivíduos. Deu-se, então, um passo importante para a inicialização e o desenvolvimento do esporte paralímpico (COSTA; SOUSA, 2004).

Em 1944, Guttmann foi convidado pelo governo da Inglaterra para integrar Centro de Lesionados Medulares de Stoke Mandeville, que começa uma forte atuação na reabilitação dessas pessoas através de práticas esportivas. "Depois de estudar exaustivamente o gesto esportivo, como forma terapêutica e de integração social, iniciou o que se tornaria o desencadeador da prática desportiva entre os portadores de deficiência" (FREITAS; CIDADE, 2000, p. 25). O sucesso dessa iniciativa motivou o médico a delinear a primeira competição entre atletas cadeirantes, que aconteceu em julho de 1948.

Nos Estados Unidos, o paradesporto desenvolveu-se em época semelhante à da Inglaterra. O responsável, no país norte-americano, foi Benjamim Lipton

(FREITAS; CIDADE, 2000, p. 25). O marco inicial do esporte adaptado no Brasil se deu quase uma década depois, com "a apresentação da equipe de basquetebol em cadeiras de rodas 'Pan Jets', formada por funcionários deficientes físicos da companhia aérea *Pan American World Airlines*. Foram duas exposições em novembro de 1957, no ginásio do Ibirapuera (São Paulo) e no Maracanãzinho (Rio de Janeiro)" (CARVALHO LIMA, 2007, s. p.).

O esporte adaptado foi ganhando força pela iniciativa de Robson Sampaio de Almeida e Sérgio Serafim Del Grande, que após sofrerem acidentes, buscaram nos Estados Unidos os serviços de reabilitação. A dupla fundou o Clube do Otimismo, em 1958, no Rio de Janeiro (ARAÚJO, 1997, p.16). Nesse mesmo ano inaugurava, em São Paulo, o Clube dos Paraplégicos. Em 1959, foi realizada a primeira competição em cadeira de rodas que reuniu equipes do Rio e de São Paulo (COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO, 2013).

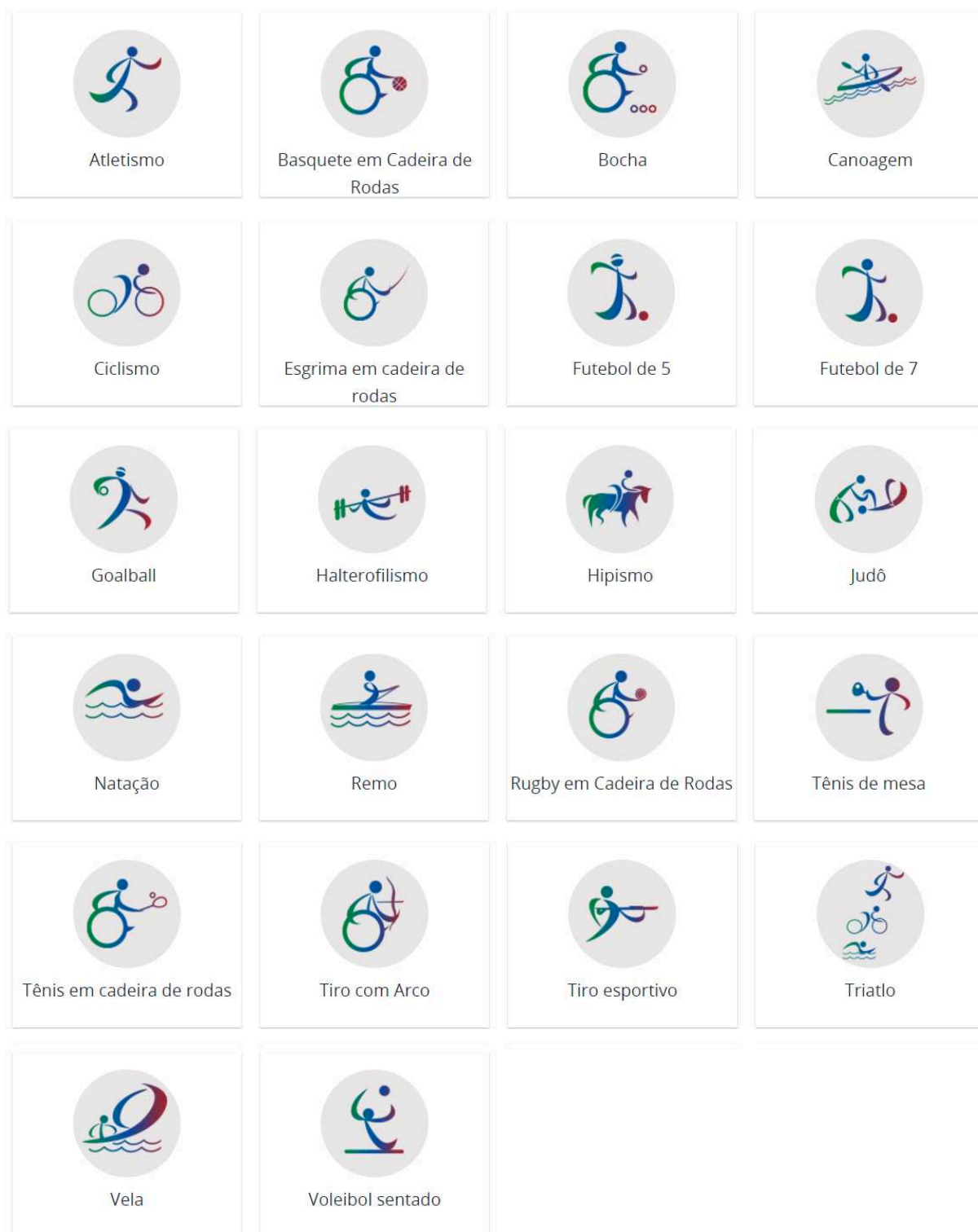
A partir dessas ações, o esporte paralímpico começou a se desenvolver no país, revelando a necessidade da criação de instituições regulamentadoras, como a Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE), criada em 1975, e o Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), fundado 20 anos depois, em 1995.

Antes de compreender mais sobre as modalidades adaptadas, é preciso fazer uma ressalva. De acordo com os pesquisadores Costa e Winckler (2012, p.17), o paradesporto não consiste apenas no alto rendimento, o esporte adaptado "pode ser visto através de diferentes ângulos, que constituem suas diferentes formas de manifestação". Essas formas de manifestação defendidas pelos pesquisadores são: Esporte Saúde, Esporte Educacional, Esporte Lazer e o Esporte Rendimento, que podem ser entendidas de forma literal.

O Comitê Paralímpico Internacional (IPC) classifica vinte e oito modalidades paralímpicas, sendo vinte e duas presentes nos Jogos de Verão, como vemos na figura 1 – e as outras seis nos Jogos de Inverno.

FIGURA 1 – Modalidades Paralímpicas de Verão¹

¹ A modalidade de Ciclismo é disputada nas categorias Ciclismo de Estrada e Ciclismo de Pista.



Fonte: Símbolos das modalidades da página do Comitê Paralímpico Brasileiro (2019)²

² Disponível em <<http://www.cpb.org.br/modalidades>>. Acesso em 26 fev. 2019.

A participação em competições oficiais paraolímpicas acontece a partir de um sistema de avaliação e classificação de atletas. Essa dinâmica começou em 1944, levando em consideração apenas o tipo de sequela do sportista. Atualmente, o IPC divide os paratletas em cinco categorias de deficiências elegíveis para as competições: paralisados cerebrais, pessoas com deficiência visual, atletas em cadeira de rodas, amputados e *les autres*³ (outros tipos) (CPB, 2013).

O objetivo dessa classificação funcional é justamente estabelecer semelhanças, considerando os movimentos biomecânicos – força e mobilidade de produzido pelo atleta. Dessa forma, a classificação é realizada em três estágios: médico, funcional e técnico. Cada modalidade possui um sistema de classificação, que leva em consideração as habilidades exigidas pelo paradesporto. No que se refere ao halterofilismo paralímpico, ainda há a divisão por peso corporal.

Para a disputa no halterofilismo, participam cadeirantes, amputados, paralisados cerebrais e *les autres*, na categoria masculina e feminina. A Paraolimpíada adota o estilo powerlifting: o atleta em supino faz o movimento de cima para baixo, retornando a barra para a posição original. Os atletas são divididos em dez categorias de peso corporal. (COSTA; SOUSA, 2004, p.33)

De acordo com Carvalho Lima (2007), os paratletas brasileiros vêm participando de competições internacionais desde 1972, mas só a partir de 1991 que o governo passou a investir recursos financeiros no paradesporto. Com os resultados conquistados nos anos subseqüentes criou-se a Lei Agnelo Piva, em junho de 2001, "que destina parte dos lucros das Loterias Caixa ao desporto paraolímpico" (CARVALHO LIMA, 2007, p. 36).

Nos Jogos Paralímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro, a equipe brasileira ficou com a oitava colocação geral no quadro medalhas, com 14 ouros, 29 pratas e 29 bronzes. Em paralelo, nos Jogos Olímpicos do mesmo ano, o Brasil ficou com a 13ª posição geral. Isso mostra que o país tem mais força e consegue resultados mais expressivos no esporte paralímpico quando comparado com os esportes tidos como "tradicionais".

³ Palavra francesa que pode ser traduzida pela expressão Os Outros.

Esse panorama reforça a importância deste trabalho, que buscou mostrar a importância do paradesporto. Para além dessa desvalorização, o livro-reportagem *PARALELOS* trouxe o protagonismo das pessoas com deficiência e suas trajetórias.

2.1.2 Terminologia

Outro ponto de discussão fundamental diz respeito à terminologia utilizada para tratar a pessoa com deficiência. Muito se fala, mas em pleno século XXI ainda não há um consenso de qual terminologia é mais a adequada. Por esta razão, termos como "'pessoa portadora de deficiência', 'pessoa com deficiência', 'pessoa com necessidades especiais', e outros agressivos como 'aleijado', 'débil mental', 'retardado', 'mongoloide', 'manco' e 'coxo' foram colocados na mesa de discussão" (DINIZ, 2007, p.27) persistem na fala de muitos.

A Constituição Federal da República do Brasil, de 1988, utiliza a referência "pessoa portadora de deficiência". Saker (2010, p.55) explica que apesar de comum, o termo pode ser considerado inadequado, já que o "verbo 'portar' dá a ideia de que a pessoa carrega consigo algo de que pode dispor depois, enquanto a deficiência faz parte da pessoa (da mesma forma, não se diz que alguém é 'portador de olhos castanhos', por exemplo)".

Termos como especial e excepcional também precisam ser evitados, pois, segundo Vivarta (2003), colocam a pessoa com deficiência como alguém que foge aos padrões humanos de existência e comportamento, dando uma identificação equivocada a esses indivíduos. Portanto, as terminologias "deficiente" e "pessoa com deficiência" se mostram como as mais bem-vistas e apropriadas.

O presente trabalho utilizou-se da expressão "pessoa com deficiência", com exceção às citações, que mantiveram terminologia originalmente usada por seus autores. O livro-reportagem também adotou a terminologia pessoa com deficiência, salvo em casos em que o próprio personagem se autodenominou de outra maneira.

2.2 Estigma e violência simbólica

Erving Goffman (1988) afirma que o estigma é uma relação entre atributo e estereótipo, sendo fundamentado nas representações sociais que as pessoas têm de determinados fenômenos. Ao demarcar os limites do “aceitável”, os estigmas revelam as representações sociais presentes, apontando para uma estrutura de relações. Dessa forma, tudo aquilo que funcione como um sinal de diferença é passível de tornar-se um estigma.

De acordo com o autor, o estigma surgiu com os gregos, quando indivíduos considerados criminosos, traidores ou escravos eram marcados por sinais feitos por corte ou fogo. Essas marcas corporais apontavam quem deveria ser evitado e, de maneira automática, geravam um julgamento ruim sobre quem as possuía.

O estigma é considerado um fenômeno complexo, carregado de características singulares. Pode-se dizer que os estigmas nascem dos mecanismos de controle, que hierarquizam pessoas de acordo com critérios do que é normal ou desviante. Essa hierarquização acaba por gerar inclusões e exclusões na vida em sociedade e, neste caso em específico, com relação às pessoas com deficiência.

Em consonância com a proposta, Hilgemberg (2013) demonstra que as representações feitas acerca das pessoas com deficiência são marcadas por retratos irrealistas e estereotipados.

Desde os seus primórdios que a sociedade tendeu a marginalizar e inabilitar as pessoas com deficiência opondo-lhes o estigma da diferença. Mesmo na atualidade, e apesar de vivermos numa sociedade dita inclusiva, o preconceito para com a pessoa com deficiência é ainda prevalente. Todo o indivíduo que foge aos padrões de normalidade é considerado estigmatizado, sendo que tal como afirma Pontes (2001), o estigma não está no sujeito, nem na deficiência, mas nos ‘valores culturais estabelecidos pela sociedade que permitem categorizar as pessoas que fogem aos padrões de normalidade, aferindo a estas determinados rótulos sociais’.
(HILGEMBERG, 2013, p.2)

Goffman sugere que ao estabelecermos um padrão de normalidade, criamos rigorosas expectativas que acabam por categorizar os indivíduos da sociedade. Para ele, caso surjam evidências de um atributo diferente – defeito, fraqueza, desvantagem – deixamos de considerar um indivíduo normal, reduzindo-o ou diminuindo-o (GOFFMAN, 1988). Essa é a marca do estigma, uma característica distintiva que coloca o indivíduo ou grupo à parte.

O autor ainda elenca três tipos de estigmas. O primeiro está relacionado às abominações dos corpos, tidos como deformidades ou marcas físicas. O segundo tange o caráter individual, como a vontade fraca, as crenças falsas, a desonestidade e os vícios. E, por último, os estigmas tribais, ligados a raça, nação, religião.

Em todos esses exemplos de estigma, [...] encontram-se as mesmas características sociológicas: um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 1988, p.7)

A partir desse conceito, pode-se enxergar a forte estigmatização da pessoa com deficiência e sua ligação direta com o primeiro grupo, relacionado às “deformidades corporais”. Assim, reduzidos as suas deficiências, esses indivíduos são categorizados de acordo com aquilo que os torna diferentes dos considerados “normais”, o que legitima os padrões dominantes.

Esse processo propicia a formação de uma representação social única das pessoas com deficiência, encarados equivocadamente como um grupo homogêneo e reduzidos às suas limitações. Esse estigma acaba contribuindo também para o afastamento e consequente exclusão das pessoas com deficiência da vida em sociedade, comprometendo suas possibilidades de realização e êxito, além das descobertas de suas potencialidades como indivíduos.

É a própria sociedade quem estabelece meios de categorizar os indivíduos, elegendo quais são os atributos comuns, naturais e aceitáveis, e os desviantes, anormais e depreciativos. Assim, ao se deparar com um indivíduo que fuja dos padrões de normalidade, paira uma reação estigmatizadora – muitas vezes de exclusão, pena ou desprezo – pré-estabelecida e socialmente aprovada.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original (GOFFMAN, 1988, p.15)

Envolvidos pelo discurso acerca do estigma, surge também um outro conceito oportuno e enriquecedor para a discussão. Bourdieu (2003) alerta para os canais sofisticados de tratar esses indivíduos desviantes, por meio da noção sobre o que ele chama de violência simbólica. Para o autor, os determinismos e forças de coação social são parte de um mecanismo que faz com que os indivíduos naturalizem representações ou ideias dominantes.

Uma vez naturalizada, a violência simbólica se instaura com consentimento de quem a sofre, muitas vezes passando despercebida.

Os atos simbólicos sempre pressupõem atos de conhecimento e reconhecimento, atos cognitivos por parte daqueles que são destinatários. A violência simbólica é essa violência que extorque submissões que sequer são percebidas como tais, apoiando-se em expectativas coletivas, em crenças socialmente inculcadas (BOURDIEU, 1996, p. 184).

Trocando em miúdos, a violência simbólica se impõe numa relação entre subjugador e submisso, resultando em uma dominação legitimada, que dispensa contestações. Trata-se de uma violência silenciosa, fruto de um processo histórico e que pode passar como “não arbitrária”, no entanto, tão nociva quanto as agressões verbais ou físicas experimentadas em sociedade.

Assim, portanto, a violência simbólica, sutil e mascarada, se exerce com a cumplicidade daquele que a sofre, fruto de um conjunto complexo de ações infraconscientes de cada um dos agentes e instituições dominantes (BOURDIEU, 1996). Essa violência simbólica pode ser vista nas relações de dominação entre a sociedade de um modo geral e as pessoas com deficiência.

Por fim, as expectativas do meio social são determinantes para estabelecer as diferenças entre as pessoas com deficiência e as pessoas sem. A inclusão torna-se, por vezes, comprometida e é minimizada na medida em que essas formas de violência são incorporadas, institucionalizadas e universalizadas.

Com o objetivo de romper com essas práticas de violência simbólicas e estigmatização, o livro-reportagem procurou trabalhar a deficiência com um olhar empático e humanizado. Pretendeu-se resgatar memórias, contar histórias, ressaltar

individualidades e reconhecer o esporte adaptado, em especial, o halterofilismo uberlandense, como potente ferramenta de inserção social.

3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO

Vidas erguidas pelo esporte adaptado. Assim subtitulamos o livro-reportagem perfil *PARALELOS*, que traz as histórias de vida de quatro pessoas com deficiência, que encontraram no esporte paralímpico um caminho rumo à autonomia, autodesenvolvimento e reconhecimento.

Nessa sessão nos debruçaremos sobre as principais características dessa obra, descrevendo os métodos e técnicas utilizados, como o Jornalismo Literário, o livro-reportagem e os perfis.

3.1 Jornalismo Especializado: do esportivo ao literário

Descrever, narrar, expor, relatar, anunciar, enunciar. O jornalismo é arte das palavras, é a história do presente. Com o passar dos anos e o advento da sociedade da informação, observou-se os níveis de exigência cada vez maiores por parte do público consumidor de notícias. Como confirma o jornalista Frederico Tavares (2009), a especialização foi o caminho para atender as demandas de segmentação e proporcionar uma variedade de conteúdos informacionais.

Historicamente, a especialização periodística está associada, em sua maioria, à evolução dos meios de comunicação e a formação de grupos sociais consumidores de mídia cada vez mais distintos. Neste cenário temos como protagonista a imprensa e as consequências deste processo tecnológico e social sobre ela (TAVARES, 2009, p.116).

O jornalista, anteriormente preparado para ser um entendedor de generalidades, passava a ser exigido de conhecimentos específicos. Nesse mesmo movimento, as mídias começam a se segmentar, com cadernos de jornais especializados, além de revistas e outros veículos com conteúdos temáticos.

Isso posto, podemos entender a materialização de subáreas, tais como economia, política, cultura, ambiental, esportivo. Com termos, regras e características precisas, o jornalismo esportivo exigiu rapidamente esse olhar conhecedor e “a cobertura dos eventos esportivos demandou a formação de

especialistas, fotógrafos, repórteres, radialistas, cinegrafistas e comentaristas desde cedo” (LOVISOLO, 2011).

Numa junção entre paixão e acontecimento, o jornalismo esportivo foi ganhando forma. No Brasil da década de 1950, as crônicas de Nelson Rodrigues, Mario Filho e Armando Nogueira envolviam os leitores. Através da dramaticidade, os relatos extrapolavam o simples noticiar e eram tidos como verdadeiros espetáculos. As páginas dos impressos passaram a mostrar muito mais do que as técnicas informações das partidas, o que motivava o torcedor a ir ao estádio e gerava o envolvimento do leitor (COELHO, 2003).

Neste panorama, transgredindo a segmentação entre jornalismo e literatura, o jornalismo literário surgiu com o objetivo de contar histórias em veículos tidos como jornalísticos. No jornalismo literário o ‘contar histórias’ passa a ter função central, o que permite uma profundidade que ultrapassa os limites do jornalismo tradicional

Afinal, o que é jornalismo literário? Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p.13).

Além disso, o jornalismo literário dá espaço à trabalhos atemporais, com relatos perenes e de contexto mais amplo. Extrapolam-se as demarcações do fato, proporcionando ao leitor um olhar mais abrangente e profundo. Esse gênero jornalístico é, portanto, capaz de unir informação e entretenimento em uma narrativa elegante (PENA, 2006).

Ao estudar o jornalismo literário, muitos teóricos o vinculam ao *New Journalism* de Tom Wolfe, Truman Capote, Norman Mailer, George Plimpton, Gay Talese, entre outros. Segundo Lima (2003), o *new journalism* apresenta-se como uma versão própria e arrojada do jornalismo literário. A união entre jornalismo e literatura ganha força com a incorporação das reportagens nos veículos de comunicação convencionais.

A reportagem manifesta “um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia, e ganha classificação de grande-reportagem quando o aprofundamento é extensivo e intensivo (LIMA, 2009, p.24). Essas grande-reportagens podiam ser vistas em revistas e jornais, como a revista *Realidade* (meados de 1960) e o *Jornal da Tarde* (1966).

No Jornalismo Literário, bem como no *new journalism*, a subjetividade é um aspecto apreciado. Para Pena (2006), a imparcialidade já não é imprescindível, uma vez que o autor não deve omitir sua própria personalidade e pontos de vista ao longo da narrativa. Nesse caminho literário, o jornalista se apropria de uma licença poética para expressar registros simbólicos e impressões particulares.

Trazendo para os dias de hoje, compreende-se que o literário e o ordinário não costumam ocupar o mesmo espaço. Com a notícia galgando degraus cada vez mais dinâmicos, expressos e de rápido consumo, esse aprofundamento e detalhamento dos cronistas se esvaindo do jornalismo diário.

A pirâmide invertida passou a ditar pautas objetivas e discussões superficiais, que podem ser entendidas por jornalismo informativo. Para Lima (2009, p.17), o jornalismo informativo tem como único papel “informar e orientar de maneira rápida, clara, precisa, exata, objetiva. Em virtude disso, essa prática é muitas vezes criticada como superficial, incompleta”.

É justamente na tentativa de ir além desse jornalismo informativo e de resgatar aquele jornalismo esportivo literário, que abraça a riqueza de detalhe, traz emoção e ultrapassa a evidência dos fatos, que o *PARALELOS* se manifesta. Para fazer essa retomada e, ainda, fugir das amarras do informativo raso, a presente proposta abusou da liberdade proporcionada pelo jornalismo literário. Também optou-se pelo livro-reportagem como o veículo mais adequado para a produção, do qual nos debruçaremos a seguir.

3.2 Livro-reportagem e perfil

A escolha pelo livro-reportagem justificou-se pela liberdade de abordagem que este formato proporciona. A reportagem em livro deixa de basear-se na construção da pirâmide invertida, na qual as informações mais importantes são

apresentadas primeiro, o que permite uma narrativa mais rica em detalhes, livre e com certa dramaticidade. Assim, o livro-reportagem acaba preenchendo lacunas deixadas pela imprensa convencional.

Belo (2006), em sua obra *Livro-reportagem*, apresenta características sobre este veículo de comunicação impressa.

É possível dizer que o livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa também a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção narrativa (BELO, 2006, p. 41).

Temos como elementos cruciais para a construção de um livro-reportagem a abordagem profunda, o detalhamento, o olhar empático, a quebra de padrões e o conteúdo consistente, indo além das publicações diárias da mídia. Segundo Bezerra, o livro-reportagem “é uma forma híbrida que utiliza de expedientes jornalísticos (pauta, temática, redação e edição) e literários (elementos narrativos, etc.)” (2008, p.12), mergulhando no fato e contando uma história.

Desta forma, o livro-reportagem costuma transformar fatos do cotidiano em história, podendo ser construído de duas maneiras. A primeira delas é o livro produzido a partir de matérias previamente publicadas em jornais/revistas. Já a segunda traz reportagens inéditas, produzidas exclusivamente para o livro. O presente trabalho enquadra-se na segunda visão, já que o intuito é trabalhar a temática escolhida na criação específica do livro-reportagem.

Referência no assunto, Edvaldo Pereira Lima (2009) destaca que o livro-reportagem maximiza os recursos inerentes à prática jornalística, cobrindo vazios e ampliando a compreensão de realidade do leitor. Ele revela ainda tratar-se de um gênero privilegiado por uma série de liberdades, tais como a liberdade temática, de angulação, temporal, do eixo de abordagem, entre outras.

Assim, concerne um veículo de comunicação jornalística em que os temas são tratados com verdadeira profundidade, no qual os fatos são ricos em detalhes.

Ainda segundo Lima (2009), ele é um meio de comunicação impresso não-periódico e deve ter como conteúdo histórias reais permeadas por veracidade e credibilidade.

A partir do livro-reportagem o autor consegue produzir uma obra sem amarras, com mais liberdade criativa, texto fluido e agradável aos leitores. Esse caráter inovador, autônomo e ousado serviu de inspiração para sua escolha como plataforma midiática adequada de desenvolvimento do produto final deste mestrado. Em busca de uma abordagem mais aprofundada dos fatos e de um espaço que permitisse explorar uma construção narrativa da realidade, o suporte midiático se apresentou na medida exata para dar vida ao trabalho.

Lima (2009) comenta também sobre a possibilidade desse formato explorar a técnica de imersão, recurso indispensável no jornalismo literário. O autor apresenta também a existência de diferentes grupos de livros-reportagem, separados conforme o tema ou tratamento narrativo. Os tipos de livros-reportagem apresentados são: "livro-reportagem-perfil", "livro-reportagem-depoimento", "livro-reportagem-retrato", "livro-reportagem-ciência", "livro-reportagem-ambiente", "livro-reportagem-história", "livro-reportagem nova consciência", "livro-reportagem-instantâneo", "livro-reportagem-atualidade", "livro-reportagem-antologia", "livro-reportagem-denúncia", "livro-reportagem-ensaio" e "livro-reportagem-viagem".

Visto que o produto objetiva construir as narrativas das vidas de atletas paralímpicos de Uberlândia, o livro enquadra-se no grupo "livro-reportagem-perfil", entendido como uma "obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse" (LIMA, 2009, p.50). O perfil permite uma riqueza de detalhes, gerando empatia e identificação do leitor.

Maia (2013, p. 177), ao conceituar o perfil, explica que esse gênero traz a "possibilidade de composição do sujeito pela escrita de sua trajetória no espaço e no tempo". Ainda segundo a autora, a escrita de um perfil é marcada pela captura de diversos ângulos da vida de uma pessoa, captura essa que parte do olhar atento e seletivo do jornalista, compreendendo as subjetividades e particularidades de seu personagem.

Para elaborar um perfil é preciso lançar mão de um estilo de texto mais híbrido, que consiga transmitir sensações semelhantes às vividas pelo personagem.

A palavra-chave para este gênero é, portanto, a humanização, já que é a partir desse lugar de empatia que acontece uma aproximação entre entrevistador e entrevistado, resultando em um produto mais fidedigno e interessante.

Assim, perfil, jornalismo literário e livro-reportagem são três ingredientes de uma constelação diferenciada do universo jornalístico. Estendem o papel da mídia tradicional, complementam, noutra direção, as funções do jornalismo, enquanto sistema moderno de expressão pública do conhecimento contemporâneo. Permitem um aprofundamento impossível ou difícil de ser concretizado nas formas tradicionais (LIMA, 2009, s.p).

Essa humanização e detalhamento são alcançados através das entrevistas em profundidade e do uso de técnicas da história oral, melhor entendidas na sequência deste texto.

3.3 Entrevista e história oral

Na concepção de Lima (2009), a entrevista dispõe de particularidades e revela vozes que agregam na interpretação das múltiplas faces da realidade. Por buscar essencialmente a compreensão, as entrevistas trazem vida ao texto e seduzem o leitor. Quando há o resgate de memórias dos entrevistados, insere-se no texto um aporte de experiências que auxiliam na compreensão da realidade observada, anulando o relato seco e insensível.

Assim, o testemunho se apoia na memória de quem assistiu ou viveu um fato. No caso desta pesquisa, os entrevistados são os próprios personagens das histórias. De acordo com Nilson Lage (2004), as entrevistas podem ser rituais, temáticas, testemunhais ou de profundidade. Quanto à circunstância de realização, a entrevista pode ser ocasional, quando não combinada com antecedência; de confronto, onde o entrevistado responde a acusações; coletiva, quando vários veículos participam; e dialogal, quando a entrevista é agendada previamente e reúne jornalista e entrevistado.

Temos, portanto, um livro-reportagem que será construído a partir de entrevistas dialogais, por terem sido agendadas com antecedência, e testemunhais, dado que foram conversas com os respectivos protagonistas das histórias. Elas

foram realizadas presencialmente, com exceção de contatos para esclarecimentos pontuais, mediados pelo recurso tecnológico *WhatsApp*.

Garret (1981 apud MEDINA, 2008, p.10) coloca que entrevistar é, essencialmente, “a arte de ouvir, perguntar e conversar”, ou seja, é a desconstrução da ideia de conversação objetiva e direcionada. No presente projeto, a entrevista pautou-se pelas noções de liberdade e naturalidade entre o ouvir e falar, tecendo um diálogo fluído e sem amarras entre entrevistador e entrevistado.

Outra metodologia apropriada para *PARALELOS* foi o uso da história oral, uma vez que “ela lança a vida dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo” (THOMPSON, 1992, p.44). Ela nos permite destrinchar memórias e dar enfoque à multiplicidade de sujeitos.

As obras biográficas normalmente fazem apropriação dessa metodologia, especialmente por lidar com testemunhos, lembranças e acontecimentos. Assim, as entrevistas biográficas e a história oral são usadas como métodos para a coleta de depoimentos que privilegiam a expressão, emoção e empatia.

Esse livro-reportagem é, portanto, resultado das inquietudes que acometem a pesquisadora, seja para falar de um assunto em profundidade, seja para construir narrativas reais dessas histórias de vida. O presente trabalho pretendeu resgatar, registrar e eternizar as memórias de Amanda, Gilvan, Lara e Mateus, atletas paralímpicos de Uberlândia.

4 PARALELOS: VIDAS ERGUIDAS PELO ESPORTE ADAPTADO

A proposta de produto para o curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação foi produzir um livro-reportagem com perfis de quatro paratletas halterofilistas da cidade de Uberlândia. Essa pesquisa com finalidade aplicada fundamentou-se em uma análise da construção imagética da pessoa com deficiência, especialmente de paratletas do alto rendimento. Os objetivos tangem uma proposta exploratória com intuito de examinar como a pessoa com deficiência tem sido tratada pelos meios de comunicação.

A dúvida que motiva é: como se dá a construção da imagem da pessoa com deficiência na mídia e na sociedade brasileira? ou ainda, qual a visibilidade e o espaço dedicado ao atleta com deficiência? O livro *PARALELOS* nasceu dessas inquietações, justamente com a perspectiva de uma construção que fosse na contramão do convencional.

A pesquisa parte da hipótese de que o jornalismo informativo não contempla e nem dá a devida visibilidade às pessoas com deficiência, em particular os atletas paralímpicos. Dessa forma, utilizou-se do jornalismo literário como ferramenta que permitisse essa representatividade, aproximando os perfilados de suas próprias identidades e permitindo uma narrativa aprofundada inédita de suas histórias.

O trabalho trouxe o método hipotético dedutivo, buscando confirmar algumas suposições sobre os atletas halterofilista com deficiência. De acordo com ele, "quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Para tentar explicar a dificuldade expressa no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas" (GIL, 2008, p.12).

Para isso, a primeira etapa do trabalho consistiu na formação teórica da pesquisadora, buscando conhecimentos e embasamentos sólidos para tecer a discussão acerca do tema. Iniciou-se, então, um resgate bibliográfico sobre os conceitos de deficiência, paradesporto, jornalismo literário, livro-reportagem e perfil. A base epistemológica do estudo seguiu uma linha baseada em conceitos como

estigmatização, muito bem apresentado por Erving Guttman, e as noções de violência simbólica, de Pierre Bourdieu.

Com as técnicas da história oral, a construção dos perfis dos paratletas aconteceu através de entrevistas com os perfilados. Tal escolha metodológica se justificou tendo em vista que "o relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber [...] a escrita, quando inventada, não foi mais do que uma nova cristalização do relato oral" (QUEIROZ, 1988, p.16).

O *corpus* da pesquisa incluiu a entrevistas com quatro paratletas que carregam o nome da cidade de Uberlândia em competições paralímpicas nacionais e internacionais. Os esportistas foram escolhidos tanto por suas relevantes conquistas na modalidade de halterofilismo paralímpico, quanto pelo que entendemos como intuição e empatia.

Assim, a presente pesquisa caracterizou-se como qualitativa, já que "não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc." (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.32). A proposta foi justamente de abordar a deficiência e o esporte adaptado com o maior aprofundamento possível, partindo das particularidades de cada entrevistado. Os perfilados foram, portanto:

- **Capítulo 1: Lara Lima** compete na categoria até 41kg, que se iniciou no esporte há sete anos – quando tinha apenas 10. Nasceu com mielodisplasia e artrogripose, o que determinou os movimentos reduzidos dos membros inferiores. O mais surpreendente é que a atleta levanta mais que o dobro do seu peso corporal e é uma das promessas brasileiras dos Jogos Paralímpicos de Tóquio, previstos para acontecer em 2021.
- **Capítulo 2: Gilvan Santos** é o único entre os entrevistados que convive com uma deficiência adquirida, resultado de nove tiros tomados em uma briga. O atleta encontrou no halterofilismo o resgate de suas potencialidades e de uma vida digna. Uma história cheia de fatos curiosos.
- **Capítulo 3: Amanda Sousa** é experiente e comprometida, a atleta é uma das veteranas do halterofilismo uberlandense. Além de esportista, Amanda

também é fisioterapeuta e coleciona participações em eventos nacionais e internacionais. O destaque aqui foi para o fato de termo uma mulher, com deficiência, que não só quebrou paradigmas no esporte, como também na vida acadêmica.

- **Capítulo 4: Mateus Assis** é a “celebridade” do halterofilismo, conhecido por atletas da modalidade de todo Brasil. A mielomeningocele nunca foi fator limitante para o atleta de 23 anos. Ele acumula medalhas, títulos e recordes, tanto em solo nacional, quanto no exterior, e se prepara para as Paralímpadas de Tóquio. O capítulo final deste livro traz a figura de um paratleta, homossexual, fã de Britney Spears e figurinha carimbada na Seleção Brasileira.

A princípio, o projeto previa um quinto perfil, de Luciano Dantas, um paratleta com nanismo que também acumula títulos e histórias no esporte adaptado. No entanto, devido às limitações de tempo para a conclusão do trabalho e submissão à banca, optou-se por reduzir o *corpus* de pesquisa, não incluindo essa última fonte.

O processo de apuração e coleta de dados com os perfilados selecionados aconteceu de maneira orgânica. Foram agendados encontros com cada um deles e alguns reencontros (no caso da Amanda e do Mateus) para a realização das entrevistas presenciais. Cada perfil foi escrito de maneira separada, um por vez, seguindo a sequência: contato e convite, reunião com a fonte, transcrição, análise das informações, redação da narrativa e reencontros ao sentir que alguns detalhes ficaram pelo caminho.

Para cocriar as histórias deste livro, não foram usadas apenas palavras. As imagens também compõem a narrativa, dando forma às personagens selecionadas. Para isso, o *PARALELOS* contou com a fotografia como forma de ilustrar cada capítulo. Todo o material fotográfico foi produzido durante competições, com o uso majoritário de fotos feitas pelo Comitê Brasileiro Paralímpico (CPB).

As fotografias foram selecionadas pela própria pesquisadora e submetidas a aprovação da equipe de comunicação do CPB. O critério de seleção seguiu a ideia de trazer imagens marcantes na carreira dos atletas e que, ao mesmo tempo, conseguissem clarear um pouco do que foi retratado ao longo dos capítulos.

Cada paratleta recebeu um capítulo no livro para apresentar sua história. O material passou pela revisão atenta de uma amiga antropóloga, Juliana Diniz, além do olhar minucioso da própria pesquisadora. Já a diagramação foi feita pelas mãos da habilidosa Marina Pagliari, que não só colaborou com as ideias do projeto gráfico, como colocou-o em prática. Com a validação da diagramação, o material foi enviado à impressão em uma gráfica rápida e anexado a este relatório.

Optou-se pela impressão de um número singelo de exemplares – apenas 10, uma vez que o presente produto passará por uma avaliação, o que poderá resultar em correções ou apontamentos importantes. Assim, após a banca final, a obra será publicada na forma de *e-book* e poderá ser impressa em demasia.

A escolha do nome foi, sem dúvidas, a parte mais complexa. Queríamos um nome forte e curto, que acompanhado de um subtítulo assertivo pudesse deixar claro a que convergíamos. Veio a ideia de “paralelos”, inicialmente por trazer em seu sentido figurado a noção de semelhança, simultaneidade e de elementos que caminham na mesma proporção.

Só esse significado já me contemplava, mas fomos além: a obra fala de um esporte praticado com o atleta deitado em um banco, paralelo ao chão; relaciona-se também com as palavras PARAtletas, PARAdesporto, esporte PARAlímpico – ou seja, o prefixo “para” é constante nas narrativas das pessoas com deficiência. Com isso definido, o descritivo “vidas erguidas pelo esporte adaptado” veio como um subtítulo apropriado para clarear de que estávamos falando.

A realização deste produto almejou, portanto, contar as histórias de quatro paratletas halterofilistas de Uberlândia, permitindo que assumissem local de destaque no livro-reportagem. Esse desejo se deu especialmente após constatar que o jornalismo esportivo convencional não retrata a pessoa com deficiência com o devido protagonismo, sempre com um tom superficial e à margem das notícias tidas como “principais”.

4.1 Exequibilidade, recursos e aplicabilidade

A pesquisa iniciou-se em março de 2018 e findou-se em maio de 2020, sendo necessários mais de dois anos para a execução e conclusão. Durante o primeiro

ano, foram cursadas as disciplinas obrigatórias do programa de mestrado, essenciais para o embasamento da pesquisadora. Ainda neste ano, decidiu-se o tema e o recorte da pesquisa, seguido pela definição do tipo de produto a ser realizado. Já no segundo ano, os esforços foram concentrados nas idas à campo e na produção do livro como um todo, abrindo espaço, ainda, para o estudo do tema.

Os perfis foram desenvolvidos individualmente e optamos por escrever um texto de cada vez, empreendendo energia direcionada. Além das fotografias (que já estavam prontas e não implicaram em um custo financeiro para a pesquisadora), a única atividade desenvolvida por um terceiro foi a diagramação, que ficou nas mãos da jornalista e designer Marina Pagliari. A opção de contratar uma profissional para essa função deve-se ao fato de a pesquisadora não contar com recursos técnicos e nem conhecimento específico para tal. Este serviço ficou no valor de R\$400 e foi imprescindível para o resultado do *PARALELOS*.

Quanto à impressão do livro, foram feitas dez cópias para a submissão à banca e para presentear os personagens da obra. Resgatamos o contato com a gráfica Santa Ideia, a mesma que executou a impressão do livro “Sob Estrelas”, em 2016. O serviço foi negociado em R\$400, somados com outros R\$21 de impressão e encadernação deste relatório.

O livro-reportagem foi construído com o uso de alguns outros recursos, como material humano, de consumo e técnico. Todos eles foram custeados pela pesquisadora, incluindo combustível, internet, serviço de telefonia, notebook. Após a banca de defesa, nossa perspectiva é de publicação da obra em grande quantidade, tanto física quanto virtualmente. Os apoios culturais ou financiamento coletivos são alternativas possíveis para viabilizar essa publicação.

Enfim, o resultado de *PARALELOS* foi de um livro-reportagem com 76 páginas, divididas em agradecimentos, sumário, prólogo, nota da autora, os quatro capítulos principais e considerações. Todos os capítulos se iniciam com uma foto em detalhe, que mostram as mãos do perfilado do qual a história será contada à diante. Essa escolha foi baseada no desejo de que o leitor se permita imaginar cada um dos personagens e só ao fim das histórias ele tem a visão completa dessas pessoas.

O livro foi impresso em folha de papel reciclado, por preferência da pesquisadora. E finalmente, a quarta capa recebeu o texto de apresentação da obra,

cuidadosamente escrito pela orientadora do projeto, Adriana C. Omena dos Santos. Assim, a principal expectativa com esse produto é de lançar luz a um universo desconhecido por muitos, promovendo um novo olhar para a pessoa com deficiência e permitindo o empoderamento de uma parcela da população que ainda experimenta a estigmatização, indiferença e preconceito.

O desafio foi, portanto, de produzir um livro-reportagem com histórias que vão além dos estereótipos presentes na sociedade e na mídia convencional, buscando destacá-los como protagonistas de suas próprias histórias.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o preconceito, exclusão, estigmatização e violência contra a pessoa com deficiência tenham perpassado as mais diferentes épocas e geografias, os protagonistas de *PARALELOS* são os próprios paratletas perfilados. Pessoas comuns, que construíram suas identidades e resgataram seus propósitos de vida através do esporte adaptado, cada qual à sua maneira.

Este livro-reportagem surgiu com a intenção de suprir uma lacuna do jornalismo cotidiano. A partir do recorte espaço-temporal que contemplou as histórias de vida de quatro paratletas halterofilistas de Uberlândia, em 2020, buscou-se desmistificar e evidenciar essa parcela invisível da sociedade. Através do jornalismo esportivo e literário foi possível mergulhar nas narrativas múltiplas desses personagens, colocando-os em lugar de destaque e protagonismo.

Na contramão das intolerâncias, nasceu o desejo da criação de um livro cujo as histórias mostrassem como é natural e digno viver, independentemente de quaisquer características corporais. O livro-reportagem foi, é e será portal de divulgação e registro de ricas memórias dessas pessoas com deficiência, quase nunca reveladas nas mídias convencionais.

Escrever um livro sobre esse tema nos permitiu uma reflexão crítica acerca do papel social do jornalista em nossa sociedade. Muitas vezes, corrompidos pelo imediatismo da profissão, os reais objetivos do fazer jornalístico acabam esquecidos. As questões de cunho sociocultural são latentes e precisam de mais espaço – e o esporte adaptado é uma dessas temáticas abandonadas. Esse prestígio vem de uma abordagem empática, que colabore para que entendamos as pessoas com deficiência como indivíduos plenos em suas capacidades.

Em pleno século XXI, em que as bandeiras de igualdade estão a todo tempo sendo erguidas, percebemos que a deficiência e o paradesporto ainda são invisíveis. Este livro-reportagem emergiu, portanto, para gerar reflexão, empoderar e colocar os paratletas halterofilistas neste lugar de protagonismo. Que *PARALELOS* possa, enfim, honrar essa temática e colaborar para o enfraquecimento das posturas estigmatizadoras e violentas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. F. **Desporto Adaptado no Brasil: origem, Institucionalização e atualidade**. 1997. 152 f. Tese (Doutorado em Estudos da Atividade Física e Adaptação). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas São Paulo, 1997. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000114477>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BELO, Eduardo. **O livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BEZERRA, G. N. **A polêmica discursiva na produção roraimense de livro-reportagem**. Boa Vista, 2008. Disponível em: <<https://ufr.br/comunicacao/index.php/impresso-pdf?download=435:bezerra-gledson-do-nascimento>>. Acesso em 12 fev. 2019.

BOURDIEU, P. **A dominância masculina**, trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, 6 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 21 de out. 2018.

CARVALHO LIMA, M. H. **A Mídia e o Paradesporto: a percepção da deficiência visual pelos meios de comunicação**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: < <https://paratitude.files.wordpress.com/2013/10/mc3addia-e-paradesporto-monografia-ufrj1.pdf> >. Acesso em: 28 fev. 2019.

CIDADE, R. E. A.; FREITAS, P. S. **Introdução à educação física e ao desporto para pessoas portadoras de deficiência**. Curitiba: UFPR, 2002.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO (CPB). **Classificação Funcional**. 2013. Disponível em: <<http://www.cpb.org.br> >. Acesso em: 24 nov. 2018.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.

COSTA, A. M.; SOUSA, S. B. Educação Física e esporte adaptado: história, avanços e retrocessos em relação aos princípios da integração/inclusão e perspectivas para o século XXI. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 25, n. 3, jul. 2004. ISSN 2179-3255. Disponível em: <http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/236/238>. Acesso em: 20 out. 2018.

COSTA, Alberto Martins da; WINCKLER, Ciro. *A Educação Física e o Esporte Paralímpico*. In: MELLO, Marco Túlio de; OLIVEIRA FILHO, Ciro Winckler (orgs). **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012. p.15-20.

DICHER, M.; TREVISAM, E. **A jornada histórica da pessoa com deficiência: inclusão como exercício do direito à dignidade da pessoa humana**. 2014. Dissertação (Doutorado) - Curso de Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=572f88dee7e2502b>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

DINIZ, Débora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).

FREITAS, P. S.; CIDADE, R. E. *Desporto e Deficiência*. In: FREITAS, P. S. (orgs). **Educação Física e Esporte para deficientes**: coletânea. Uberlândia: Edufu, 2000. p. 25- 40.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_metodos_de_pesquisa.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GOFFMAN, E. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª edição. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988. Disponível em: <<http://www.aberta.senad.gov.br/medias/original/201702/20170214-114707-001.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2019.

HILGEMBERG, Tatiane. *Representação Midiática do Atleta com Deficiência na Mídia Brasileira e Portuguesa – do coitadinho a super-herói*. In: **Anais XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, Amazonas**. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1754-1.pdf>>. Acesso em 24 nov. 2018.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Censo demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/resultados_gerais_amostra.pdf>. Acesso em 10 nov. 2018.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LIMA, E.P. *Jornalismo literário: O legado de ontem*. In: **New journalism: a reportagem como criação literária / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social**. – Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003. Disponível em:

<<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101399/estudos7.pdf>>. Acesso em 25 fev. 2019.

_____. **Páginas Ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

LOVISOLO, H.. **Jornalismo e esporte:: linguagem e emoções**. In: Corpus Et Scientia, UNISAUM, v. 7, n. 2, p.91-99, 2011. Disponível em: . Acesso em: 25 set. 2015.

MARQUES, R. F. R. **O esporte paraolímpico no Brasil: abordagem da sociologia do esporte de Pierre Bourdieu**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 2010.

MAVIGNIER, T. C.; TARAPANOFF, F. *Cinema e deficiência*. In: **Anais XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Bauru, São Paulo. 2013. Disponível em<<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1675-1.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
<https://doi.org/10.22409/contracampo.v2i17.349>

QUEIROZ, M. I. P. **Relatos Oraís: do “indizível” ao “ dizível”**. in: SIMSON, Olga Moraes Von. Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil). São Paulo: vértice, 1988.

SAKER, Fernando Augusto Simões. **Jornalismo e pessoas com deficiência:** construção de conceitos e superação de estigmas por meio da comunicação. 2010.147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. *A pesquisa científica*. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2018.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O jornalismo especializado e a especialização periodística**. Estudos em Comunicação, n. 5, p. 115-133, maio 2009. Disponível em: < <http://www.ec.ubi.pt/ec/05/html/tavares/>> Acesso em: 11 nov 2019.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIVARTA, V. **Mídia e deficiência**. Brasília: Andi; Fundação Banco do Brasil, 2003. (Série Diversidade).

ANEXO A – Pauta Perfilados



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIAS, COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Pauteira: Maria Paula Martins

Retranca: Paratletas-Referência do Halterofilismo

Data: 30/11/2019

Fontes: Amanda de Sousa, Lara de Lima, Mateus Assis e Gilvan Santos

TEMA: Histórias de vida e no esporte de alto rendimento paralímpico

RESUMO: Todos os entrevistados são paratletas na modalidade de halterofilismo. Os quatro têm relevância no cenário nacional e já participaram de competições fora do país. Apesar de serem atletas de ponta, carregam suas individualidades e suas próprias histórias.

ENCAMINHAMENTO: As entrevistas devem resgatar a relação das personagens com suas memórias e vivências. O esporte e a deficiência são o fio condutor comum, mas cada personagem é um universo particular. A construção do texto acontecerá com base nas informações coletadas durante as conversas. Não é preciso seguir à risca a sugestão de perguntas e nem ficar presa à pauta, uma vez que a entrevista deve fluir de acordo com o que cada personagem for trazendo.

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- 1) Conte-nos sobre a deficiência. É uma deficiência congênita ou não?
- 2) Caso não seja, o que houve? Um acidente?
- 3) Como foi sua infância e sua relação no núcleo familiar?
- 4) E os primeiros anos em sociedade? Frequentou escolas regulares?
Fale sobre essas interações.

- 5) Você passou por momentos de revolta, nos quais se sentia injustiçado por ter que lidar com a deficiência?
- 6) Relate sobre situações marcantes de preconceito, exclusão e estigma que vivenciou.
- 7) Quais as maiores dificuldades enfrentadas na vida em sociedade?
- 8) Como o esporte entrou na sua vida? Você lembra de como foi o seu primeiro dia? As primeiras impressões?
- 9) Há quanto tempo você pratica o levantamento de peso?
- 10) Antes do halterofilismo, chegou a experimentar outro esporte?
- 11) Nesta sua jornada quem foram ou são os seus anjos da guarda?
- 12) Quais os benefícios que o esporte trouxe para a sua vida?
- 13) O que motivou você a tornar-se atleta profissional?
- 14) Quais os desafios para se tornar uma atleta profissional?
- 15) Qual foi a sensação da primeira disputa, do primeiro campeonato?
- 16) Como foi conciliar a vida pessoal e atividade esportiva de alto rendimento?
- 17) Quais as competições você já participou?
- 18) Qual a competição que mais marcou você?
- 19) Quais são as dificuldades do paradesporto aqui na cidade de Uberlândia?
- 20) Como é ser um exemplo para outros atletas?
- 21) Como você avalia o acesso de pessoas com deficiência ao esporte?
- 22) E a inserção de mulheres no mundo desportivo?
- 23) O que deve ser melhorado e garantido no sentido de promover a igualdade no acesso às mais diversas práticas esportivas?
- 24) Todos nós temos histórias inesquecíveis, sejam elas alegres ou tristes. Conte algumas histórias que marcaram você ao longo da vida.
- 25) Há algum fato importante que você queria nos contar?
- 26) Qual mensagem você gostaria de deixar para quem irá ler sua história?

ANEXO B – TERMO USO DE IMAGEM LARA LIMA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

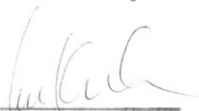
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Juliana Aparecida Ferraro
portador(a) do CPF (45) 302 40 12 e RG 168 456 498
depois de entender os objetivos e procedimentos do trabalho de "Livro-reportagem sobre os paratletas halterofilistas de Uberlândia", do curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da fundamental importância do uso de minha imagem e depoimento, **AUTORIZO**, por meio deste termo, que a mestrandia Maria Paula Martins, junto à professora Dra. Adriana Omena Santos, responsável pelo referido projeto, o uso de minha imagem e entrevistas que se façam necessárias, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

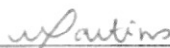
Liberô, portanto, o uso dos depoimentos, fotos e vídeos para os fins científicos e de estudo (documentários, livros, artigos, entre outros), por tempo indeterminado. Também declaro que li e aprovei todo o material do livro antes de ser publicado.

Qualquer dúvida, entrar em contato com Adriana Omena Santos, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, localizada na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG / ou pelo telefone: (34) 3291-6395.

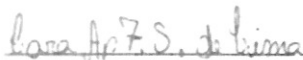
Uberlândia, 15 de junho de 2020



Dra. Adriana Omena Santos
Orientadora do Projeto



Maria Paula Martins
Orientanda do Projeto



Lara Aparecida Ferreira de Lima
Fonte Entrevistada



Juliana Ferreira
Responsável Legal pela Fonte

ANEXO C – TERMO USO DE IMAGEM GILVAN SANTOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Gilvan Pereira Santos
portador(a) do CPF 0.350.100.3650 e RG 9230595
depois de entender os objetivos e procedimentos do trabalho de "Livro-reportagem sobre os paratletas halterofilistas de Uberlândia", do curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da fundamental importância do uso de minha imagem e depoimento, **AUTORIZO**, por meio deste termo, que a mestrande Maria Paula Martins, junto à professora Dra. Adriana Omena Santos, responsável pelo referido projeto, o uso de minha imagem e entrevistas que se façam necessárias, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.


Libero, portanto, o uso dos depoimentos, fotos e vídeos para os fins científicos e de estudo (documentários, livros, artigos, entre outros), por tempo indeterminado. Também declaro que li e aprovei todo o material do livro antes de ser publicado.

Qualquer dúvida, entrar em contato com Adriana Omena Santos, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, localizada na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG / ou pelo telefone: (34) 3291-6395.


Uberlândia, 16 de junho de 2020



Dra. Adriana Omena Santos
Orientadora do Projeto



Maria Paula Martins
Orientanda do Projeto



Gilvan Pereira Santos
Fonte Entrevistada

ANEXO D – TERMO USO DE IMAGEM AMANDA SOUSA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu Amanda Aparecida Santos de Sousa
portador(a) do CPF 070349246-27 e RG 32291811-9
depois de entender os objetivos e procedimentos do trabalho de “Livro-reportagem sobre os paratletas halterofilistas de Uberlândia”, do curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da fundamental importância do uso de minha imagem e depoimento, **Autorizo**, por meio deste termo, que a mestranda Maria Paula Martins, junto à professora Dra. Adriana Omena Santos, responsável pelo referido projeto, o uso de minha imagem e entrevistas que se façam necessárias, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

Libero, portanto, o uso dos depoimentos, fotos e vídeos para os fins científicos e de estudo (documentários, livros, artigos, entre outros), por tempo indeterminado. Também declaro que li e aprovei todo o material do livro antes de ser publicado.

Qualquer dúvida, entrar em contato com Adriana Omena Santos, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, localizada na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG / ou pelo telefone: (34) 3291-6395.

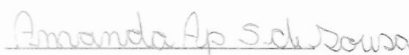
Uberlândia, 19 de Junho de 2020



Dra. Adriana Omena Santos
Orientadora do Projeto



Maria Paula Martins
Orientanda do Projeto



Amanda Aparecida Sousa
Fonte Entrevistada

ANEXO E – TERMO USO DE IMAGEM MATEUS ASSIS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação


TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS


Eu Mateus de Assis Silva
portador(a) do CPF 015.423.595-27 e RG MG-16.422.201
depois de entender os objetivos e procedimentos do trabalho de "Livro-reportagem sobre os paratletas halterofilistas de Uberlândia", do curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação, da Faculdade de Educação (FACED), Universidade Federal de Uberlândia (UFU), bem como estar ciente da fundamental importância do uso de minha imagem e depoimento, AUTORIZO, por meio deste termo, que a mestrandia Maria Paula Martins, junto à professora Dra. Adriana Omena Santos, responsável pelo referido projeto, o uso de minha imagem e entrevistas que se façam necessárias, sem qualquer ônus e em caráter definitivo.

Libero, portanto, o uso dos depoimentos, fotos e vídeos para os fins científicos e de estudo (documentários, livros, artigos, entre outros), por tempo indeterminado.

Qualquer dúvida, entrar em contato com Adriana Omena Santos, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia, localizada na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco 1G, Campus Santa Mônica – Uberlândia – MG / ou pelo telefone: (34) 3291-6395.

Uberlândia, 28 de maio de 2020


Dra. Adriana Omena Santos
Orientadora do Projeto


Maria Paula Martins
Orientanda do Projeto


Mateus Assis Silva
Fonte Entrevistada